

Encontro secreto antes da sentença

Sem comentários, desejamos reproduzir aqui os principais lances do encontro secreto que tiveram, no escritório do famoso e teatral Advogado Alfredo Tranjan, a Senhora Cacilda Soares Ferreira da Silva, mãe do acusado Cácio, e o Juiz Souza Netto, Presidente do Tribunal do Júri. O encontro foi pedido e marcado pelo próprio Juiz. Testemunharam-no (e em caso de necessidade estão prontos a depor) o Coronel Adauto Esmeraldo e a Senhorita Maria José Pires Brandão. A história se passou da seguinte forma, segundo depoimento assinado da própria Dona Cacilda:

— Não foi o meu filho quem mordeu Aída Cúri. Eu o coloquei no mundo, eu sou a mãe dêle, eu sei que êle não matou Aída. Digo isto, porque Cácio nunca me mentiu. Digo isto com base numa série de provas.

Depois da torrente de palavras, do jôrro confessional, vieram as lágrimas, os soluços e um outro apêlo, endereçado diretamente à mãe de Aída:

— Ela poderá ser a bandeira desta campanha em busca da verdade. Faço votos a Deus para que ela continue lutando, porque êste será o meu lema, o meu destino de mãe, até que a verdade surja, cedo ou tarde, a despeito dos milhões do pai de Ronaldo.

Dona Cacilda Soares Ferreira da Silva, mãe de Cácio Murilo, trajava vestido de listras em azul e branco. Entre uma e outra lágrima, passou a revelar uma história nova.

— Será que vão acreditar em mim?

— A senhora poderia tentar.

— No dia 19 de julho de 58, eu me retirei do Edifício “Rio Nobre”, com o meu filho e o Aduauto. Fomos para a casa de uma família na Rua Paissandu. Quase ao fim do mesmo mês de julho, o Dr. Alfredo Tranjan telefonou para 25-5332, onde eu me encontrava, procurando pelo Coronel Aduauto Esmeraldo. Ignoro o que êles conversaram. Aduauto apenas chegou perto de mim e disse:

— O Doutor Tranjan telefonou, em nome do Doutor Souza Netto, pedindo que eu, ou você, ou os dois juntos fôssemos ao escritório do Doutor Tranjan, onde encontraríamos o Doutor Souza Netto, que precisava falar conosco.

Fomos lá. Eu, o Coronel e a Senhorita Maria José Pires Brandão, filha da dona da casa onde eu me achava. O Doutor Tranjan recebeu-nos com um sorriso sôlto. Sempre muito amável, aquêle advogado nos encaminhou a uma saleta, onde já se encontrava o Doutor Souza Netto, a quem fomos apresentados. O Doutor Souza Netto disse, então, que já me conhecia. Depois das palavras que acontecem em casos de apresentação, o Doutor Souza Netto atacou de rijo o caso:

— Dona Cacilda, estou com um drama de consciência.

— Por que, Doutor?

— A senhora sabe... é com relação ao Ronaldo. Eu acho que êle não estava no terraço...

— Mas, Doutor, como o senhor pode afirmar uma coisa dessas!

— Pois se o seu próprio filho disse que o Ronaldo desceu...

— Perdão, Doutor Souza Netto. O meu filho não disse que o Ronaldo desceu. O meu filho disse que levou o Ronaldo até o 12º andar, mas que não o viu entrar no elevador. O senhor conhece o terraço e o 12º andar?

Não me recordo das respostas do Juiz.

Lembro-me que acrescentei então:

— Porque no terraço muitas pessoas poderiam esconder-se, sem que uma pudesse vislumbrar a outra, devido à escuridão, à extensão e ao emaranhado de divisões.

Fiz-lhe uma pergunta que considero importante:

— Doutor Souza Netto, o senhor pode provar que o Ronaldo desceu? O senhor acha que o Ronaldo deixaria nas mãos de meu filho uma môça que êle conseguiu levar lá para cima? Não, Doutor Souza Netto, eu não acredito nisso! (Êste homem vai me processar...)

— Mas, Dona Cacilda, já existe uma testemunha. Uma môça.

— Doutor Souza Netto, eu não creio nesta testemunha. Simplesmente porque não acredito que o Ronaldo fôsse passear com a tal testemunha precisamente no local onde Aída caiu.

— Mas, Dona Cacilda, é a tal coisa, é o meu drama de consciência. O seu próprio filho defendeu a Ronaldo...

— Não, o meu filho foi puro no depoimento dêle. Êle não defendeu ninguém.

O Juiz explicou melhor:

— Assim como eu aconselhei o Juiz Astério Machado a decretar a prisão preventiva do Ronaldo e do porteiro, em atenção à opinião pública, agora, convencido como estou da inocência de ambos, quero me informar com a senhora para revogar aquela medida. Eis o meu drama de consciência.

— O senhor está querendo insinuar que foi o meu filho...

— Não, Dona Cacilda. Não estou querendo dizer isto.

— Doutor Souza Netto, que me diz o senhor dos arranhões no antebraço do porteiro? No pescoço e nas mãos? E das bofetadas que Ronaldo deu no rosto da môça? (Fato que me foi confessado por meu filho, no dia seguinte.)

— Pois é, Dona Cacilda, isto são coisas que depois estudaremos.

— Olhe, Doutor Souza Netto, o senhor me chamou aqui para defender Ronaldo?

— Não, a senhora é mãe, naturalmente está nervosa. A senhora precisa ter calma... A senhora está interpretando mal a minha conversação...

— Eu defenderei o meu filho, porque eu acredito na confissão de meu filho. O meu filho nunca me mentiu.

Nós nos levantamos. Doutor Tranjan numa sala ao lado:

— Tudo bem?

— Tudo bem, Doutor Tranjan.

Vi, a um canto, um rapaz claro. Já à saída, soube, através de Maria, que o rapaz claro era o Advogado de Ione Arruda, de nome Miranda Carvalho. E me recordei de Ione Arruda, companheira de Aída, que a acompanhava, momentos antes do fato.

Também soube, ainda por intermédio de Maria José, que o Advogado Miranda afirmara, então, que Ione estava homiziada na sua casa.

E quando saímos êle ficou, em companhia do Doutor Tranjan. Eram 11.30 horas.

Na rua, Dona Cacilda interpela o Coronel:

— Mas foi para isso que o Doutor Tranjan me chamou?